

DF-Educação

Grupo de contadores de histórias ensina o prazer da leitura às crianças de Brasília com histórias clássicas e populares

O ENCANTO DA PALAVRA

Marcio Vieira
Da equipe do Correio

Joédison Alves

Elas pareciam como que hipnotizadas pelo Flautista de Hamelin. Riam e aplaudiam nos momentos certos. Ninguém ficava de pé, tossia, assoviava ou jogava bolinhas de papel. Na quinta-feira passada, a atenção demonstrada por 120 alunos, com idade variando entre 7 e 12 anos, da Escola Parque 308 Sul, era motivada pelas histórias contadas por Bruna de Souza Ramos, 13 anos, e Flávia de Souza Ramos, 12 anos, integrantes do grupo de Contadores de Histórias Imaginarius.

“Nossa intenção é despertar o interesse das crianças pela leitura”, conta a orientadora de Bruna e Flávia, professora Therezamaria Lucciola Campos. “Quando a criança ouve um história ela pode imaginar o personagem da maneira dela”, explica. “Isso não acontece quando ela assiste tevê, porque a imagem já vem formada”, compara.

Professora de história e especialista em literatura, Therezamaria ensina que as histórias devem ser contadas com o coração. Basta ver o gestual, caras e vozes de Flávia e Bruna para entender este ensinamento. Quando as duas pupilas entram na sala onde será feita a leitura dos contos carregando malas estilo caxeiro-viajante, a timidez desaparece.

Elas tiram os livros das malas enquanto a pequena platéia observa atentamente. A apresentação é feita por Therezamaria. “Vamos todos



A professora Therezamaria Lucciola Campos seduz as crianças com gestos, expressões e tons de voz. Ela quer aumentar o número de contadores de história e ensiná-los a falar com o coração

abraçar esse momento”, proclama a professora, para em seguida emendar um conto. Ao final, aplausos. Modesta, Therezamaria agradece e passa a vez a Flávia e Bruna que terminam por envolver por completo os estudantes.

Há quatro anos, Therezamaria entrou para um grupo de contadores de histórias no Rio de Janeiro. Hoje ela tenta resgatar o encanto dos contos ensinando a jovens e adultos, por meio de oficinas, a contar histórias e, principalmente, levando os contos às

crianças em hospitais, creches, escolas públicas, parques e quadras.

Dos contos dos irmãos Grimm, criadores de Branca de Neve, aos de Carlos Drummond de Andrade, Therezamaria consegue despertar o desejo da leitura em todos. É envolvente. “Como posso aprender a conta histórias?”, pergunta o pequeno Rafael Ricardo Coelho e Souza, 11 anos, aluno da 3ª série, ao final da apresentação. “É muito legal”, elogia, para alegria das três contadoras.

Fidelidade é fundamental para os contadores de histórias. Esse personagem deve conhecer bem o mundo mágico em que está penetrando. Para recitar os contos autorais, Therezamaria ensina que se estude bem o texto para sabê-lo de cor. “Não podemos inventar nada nessas histórias”, frisa.

Já as histórias do imaginário popular, repetidas a cada geração e adaptadas de acordo com a cultura de cada país, podem ser contadas à maneira de cada um. “Por isso, sempre

ao final das histórias autorais, nós damos o nome do escritor e da editora.”

Apaixonada por livros, Therezamaria conta que sua casa é “povoada” por diversas obras. “Na minha casa também. Desde pequenas meu pai nos incentivava a ler”, garante Bruna. “É verdade. Muitos livros usados nas nossas oficinas foi ela quem trouxe”, endossa a professora que busca pessoalmente as duas pupilas em casa nos dias de ensaio — que acontece, em média, três dias antes da apresen-

tação — e dos espetáculos.

O sonho de Therezamaria é conseguir apoio para as oficinas e apresentações. “Quero formar grupos de cem pessoas”, empolga-se. Houve um tempo em que os contadores de histórias eram a única fonte de saber. E parece que é essa essência que Therezamaria, Flávia e Bruna pretendem resgatar.

SERVIÇO

Para apresentações e oficinas: Telefone 223-2151